

Discurso de posse do Reitor

(02/03/2015)

Prezados D. Joaquim Moll (Reitor da PUC-MG), Pe. João Renato Eidt (Provincial do Brasil), Pe. Jaldemir Vitória (que hoje encerra seu período de Reitorado), sr. Celso Messias (Secretário da FAJE).

Prezados membros da Comunidade Acadêmica da FAJE.

Amigos e Amigas, aqui presentes.

A missão de Reitor da FAJE, que hoje me é confiada, constitui um desafio muito superior às minhas capacidades. Se a aceito neste momento não é porque creio que Deus concede dons especiais aos que assumem missões importantes no serviço divino. Aceito-a, isto sim, porque confio na misericórdia do Senhor. E Ele me faz sentir que os dons necessários para a missão já foram concedidos e se encontram espalhados aqui, no meio de nós.

Estes dons ou virtudes são como alavancas e pontos de apoio que juntos empregaremos para mover e elevar o “nosso pequeno mundo”, a FAJE, na direção de uma maior fidelidade e fecundidade no serviço à Igreja e à sociedade. Quando me refiro à FAJE como “nosso pequeno mundo” quero evocar o Evangelho do Reino de Deus, este comparado a uma pequena semente lançada ao solo, ou a um punhado de fermento misturado à massa. Assim tem sido a nossa mínima FAJE: semente que se multiplica; fermento que transforma.

Além disso, a imagem do pequeno mundo coloca-nos na atitude correta dos servidores de Deus, que é a humildade. Sem esta atitude, não haverá crescimento.

Dizia-lhes, então: o que me move, em primeiro lugar, a responder “sim” é a certeza de que não estarei sozinho nas veredas que devemos atravessar nos próximos anos. O trabalho coordenado de tantas pessoas talentosas, hoje aqui presentes, será a alavanca mestra capaz de vencer a inércia que normalmente se instala na vida das instituições.

Tenho certeza, por exemplo, de que o Pe. João Renato Eidt, grão chanceler da Faje e provincial do Brasil, nos acompanhará e prestará seu apoio às boas iniciativas que tomarmos. E o Pe. Mieczyslaw Smyda, superior da missão Leste da mesma província do Brasil, há de partilhar conosco sua grande experiência ligada ao desenvolvimento institucional. Recordo-me também de tantos outros companheiros de Jesus, que não estão diretamente ligados a

nossa instituição, mas que nos ajudam efetivamente. E isto me impulsiona a dizer “eis-me aqui!”

Sinto-me, a seguir, encorajado a responder sim porque conheço o trabalho generoso e dedicado da comunidade acadêmica da FAJE. Se nossa instituição hoje ocupa lugar destacado no contexto nacional, nas áreas de filosofia e teologia, isto se deve, sobretudo, ao esforço abnegado e criativo de nossos alunos, professores, corpo técnico administrativo e dos muitos amigos e benfeitores. Conto, evidentemente, com a experiência preciosa dos reitores que me antecederam, os padres Konings, MacDowell e Vitória. A toda comunidade acadêmica da FAJE dirijo, pois, meu coração agradecido!

Finalmente, apoio fundamental para a missão da Companhia de Jesus na FAJE tem sido a amizade e confiança que recebemos dos Pastores de nossa Arquidiocese, numa sucessão ininterrupta, a começar por D. João que nos acolheu em 1982, D. Serafim que nos apoiou nos anos de crescimento e D. Walmor que tem manifestado de modo incontestável o desejo de unir esforços para criarmos em Belo Horizonte um polo de formação filosófico-teológica, para o bem da Igreja e da sociedade. Neste sentido, destaco o trabalho que realizamos com a PUC Minas, liderado por D. Joaquim Moll e que resultou num importante convênio entre nossas instituições. Esta amizade dos nossos Pastores me consola e me confirma.

Digo a todos agora uma palavra a respeito do espírito que nos anima e dá forma a estas virtudes que acabo de evocar. E também, muito brevemente, partilho minha compreensão daquilo que constitui o essencial de nosso projeto, no que diz respeito apenas à relação especial que Filosofia e Teologia devem cultivar na FAJE. São os sonhos que desejamos realizar e que me impulsionam.

Uma distinção simples ajuda a perceber algo do espírito que nos anima.

Há dois modos básicos de organizarmos a convivência humana. O primeiro consiste em traçar um quadro prescritivo estrito e detalhado dos comportamentos esperados, de acordo com a posição ocupada pelos membros de uma instituição ou sociedade. Neste modelo, é evidente, há pouco ou nenhum espaço para o questionamento, a crítica ou a invenção. A ordem é importante (p.ex. a descrição de funções administrativas ou o Plano de Desenvolvimento Institucional da FAJE), mas torna-se desumana sem o espírito.

Este comparece no segundo modo de organizar a convivência humana, que só se desenvolveu recentemente na história, embora sempre estivesse de algum modo presente. Trata-se de permitir o diálogo entre iguais, no horizonte da verdade e do bem. E de tomar decisões amadurecidas por meio da escuta orante das pessoas envolvidas, e com atenção amorosa aos sinais dos tempos. Este é o nosso modo de proceder, o Espírito que deve, portanto, animar e guiar o corpo institucional da FAJE. Santo Inácio o resume numa passagem famosa das Constituições da Companhia de Jesus:

“Tenham todos especial cuidado em guardar de toda a desordem, com muita diligência, as portas dos sentidos, especialmente os olhos, os ouvidos e a língua, e em se manter na paz e verdadeira humildade interior. Deem delas mostras no silêncio, quando se deve guardar, e, quando se deve falar, na ponderação e edificação das palavras, (...) sem sinal algum de impaciência ou soberba. Em tudo procurem e desejem dar preferência aos outros, estimulando-os a todos interiormente como se lhes fossem superiores, e tratando-os exteriormente com respeito e reverência (...). Assim, no convívio mútuo de uns com os outros, crescerão em devoção, e louvarão a Deus nosso Senhor, ao qual cada um deve procurar reconhecer no outro, como em sua imagem” [Const. 250].

E agora uma palavra sobre o nosso projeto, mas apenas no que se refere às relações entre Filosofia e Teologia.

Nós acreditamos na vida espiritual. cremos, graças a uma dupla tradição grega e judaico-cristã, que o polo divino da realidade constitui a estrutura fundamental da existência humana. A filosofia se dedica a explicitar esta estrutura de participação na vida divina, enquanto a teologia interpreta a revelação segundo o olhar da fé.

Ora, por um lado, uma respeitável tradição afirma que os antigos filósofos místicos da Hélade só puderam explorar o processo de divinização da vida humana porque vislumbraram o Deus que, assim nós cremos, se revelou de uma vez por todas em Jesus, o Filho. A razão não se opõe, portanto, à revelação. Eu diria, aliás, que a revelação antecede e fecunda a razão, quando esta se eleva a sua forma mais sublime, para em seguida iluminar a convivência em sociedade.

Por outro lado, creio não ser exagero afirmar que não há grande teologia sem sólida experiência filosófica (amor à sabedoria). As relações da teologia com a filosofia são tensas e variam, mas são inevitáveis. Sobretudo, penso que uma teologia sem experiência filosófica, corre o grave risco de fechar-se em dogmatismo, ou seja: o risco de esquecer-se que a revelação é comunicação amorosa de Deus e não um mero fato do mundo exterior. Fatos se impõem, mas a Revelação é uma proposta amorosa de Deus. A teologia, portanto, deve articular seu discurso com o auxílio incontornável de uma concepção dinâmica e espiritual da existência humana. Eis o que a filosofia, no melhor dos casos, tem a oferecer. A teologia deve beneficiar-se, portanto, do discurso crítico da filosofia. E ela o realizará sem renunciar à sua própria identidade, porque reinterpreta as categorias filosóficas guiada pelo olhar da fé.

Há, portanto, simbiose entre filosofia e teologia. E o ponto comum de enraizamento é a própria revelação. Eis porque a formação de lideranças cristãs capazes de comunicar a Boa Nova na sociedade em que vivemos, embora possa e deva beneficiar-se de outras ciências, não poderá jamais prescindir destes dois ramos do saber humano que vivem em recíproca dependência, se estimulam e se fecundam muito mais do que o clima de opinião da atualidade costuma afirmar.

Estes são os meios, o espírito e o projeto que me impulsionam a responder “eis-me aqui”. Alguns dirão que são apenas sonhos, que a realidade é bem outra. Mas justamente: nós sonhamos para alimentar de esperança nossas vidas e vivemos para tornar realidade os nossos sonhos. Por isso, aceito o desafio e conto com a ajuda de todos vocês.

Álvaro Mendonça Pimentel, SJ
Reitor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.